

BLUMENAU

em **CADERNOS**

TOMO III - Nº 7

JULHO

1960

PÁTRIA - COMPANHIA BRASILEIRA DE SEGUROS GERAIS

FUNDADA EM 1945

Matriz: ITAJAÍ — Santa Catarina
Edifício INCO — 3.º andar.

OPERA EM SEGUROS CONTRA FOGO, TRANSPORTES E
ACIDENTES PESSOAIS

Diretoria :

IRINEU BORHAUSEN — Diretor Presidente
GENÉSIO MIRANDA LINS — Diretor Superintendente
OTTO RENAUX — Diretor Vice-presidente
HERCÍLIO DEEKE — Diretor Tesoureiro
DR. EDUARDO SANTOS LINS — Secretário Geral.

Administração :

Alípio Carvalho do Amaral — Gerente Geral
Carlos O. Seara — Gerente Executivo
João Amaral Pereira — Assistente Geral

REPRESENTAÇÕES :

SUCURSAL DO RIO DE JANEIRO: Rua Visconde de Inhaúma
13.º andar. — Gerente: Walter Miranda Mueller.

SUCURSAL DE SÃO PAULO: Edifício INCO — Rua Miguel
Couto, 38 — 3.º. Assistentes: Cyro Pires Drumond
e Vicente Mateus Amorim.

SUCURSAL DE CURITIBA: Edifício INCO — Rua Monsenhor
Celso, 36 — Procurador: Dênio Leite Novaes.

FILIAL DE PÔRTO ALEGRE: Edifício Itapiru — Gal. Andra-
de Neves, 155, conjunto 113 — Procurador: Paulo da
Rocha Gomes.

REPRESENTAÇÃO DE BELO HORIZONTE: Sociedade Minei-
ra de Imóveis e Representações Ltda. — Rua dos Cae-
tés, 186 — Sobreloja — Belo Horizonte.

UMA SEGURADORA CATARINENSE A SERVIÇO DO BRASIL

BLUMENAU

em CADERNOS

Tomo III

JULHO DE 1960

N.º 7

A ENCHENTE DE 1880 NA POESIA

Embora criado, ainda não havia se instalado o município de Blumenau quando, em setembro de 1880, uma terrível enchente do Itajaí-Açu causou enormes prejuízos, inclusive a perda de algumas vidas. À página 30 do 2.º Tomo, destes "Cadernos", publicamos pormenorizada notícia a respeito. A tragédia inspirou até os poetas. No "Despertador", jornal da capital da província, o poeta Alfredo Teotônio da Costa, publicou, na edição de 6 de novembro daquele ano a seguinte poesia da sua lavra:

A INUNDAÇÃO DE ITAJAÍ

"Elevaverunt flumina fluctus suos,
a vocibus acquarum multarum".

Ps. XCII, 3

I

*Se é grato descrever da Pátria amada
Os dias de prazer, de ingente glória,
Dos heróis registrar em letras de ouro
Altos feitos nas páginas da História;*

*Se o peito se entumesce jubiloso
A nossa alma se expande radiosa
Ao ver que triunfante ela caminha
Do progresso na senda esplendorosa.*

*Que de angústias, acerbos sofrimentos
Irão no coração do que estremece
O dileto torrão em que há nascido,
Ao ver os duros males que padece?*

*Co' a mente conturbada, o peito opresso,
Embalde tentarei dèsses horrores,
De que foi prèsa um povo todo inteiro,
Traçar o negro quadro de amargores...*

II

*Na placidez da ventura
Que a benéfica natura
Dá ao solo brasileiro,
Na plaga catarinense
O povo itajaiense
Era todo prazenteiro.*

*Qual a nau que se deslisa
Impelida pela brisa
Sôbre o mar unido e quêdo
Assim corriam os seus dias
Entre as doces harmonias
De um viver feliz e ledô.*

*Do trabalho a lei superna
Era ali divisa eterna,
Desejada promessa;
A lavoura progredindo,
As artes iam seguindo
Seu luminoso clarão.*

*E quando a noite descia
E aos lares se recolhia
O ditoso agricultor,
Da choupana no terreiro
Logo via êle primeiro
Os seres do seu amor.*

*No firmamento irradia
O fulgente astro do dia;
E qual adormido infante,
No seu leito transparente
Se deslisa mansamente
O caudaloso gigante.*

*A ridente natureza
Imponente de grandeza
Se ostentava então ali;
Era tudo amenidade,
Vida, amor, felicidade
No Vale do Itajaí.*

*Dos mortais é bem triste a vária sorte!
Onde domina a vida, impera a morte!
Tristuras e prazeres...
Os gozos e deleites são fugaces,
E só, no mundo, as dores são vivaces,
Para os humanos seres!*

*Parece que, ciosa a natureza
De haver seus bens dado com largueza
Os quer arrebatár;
E, privando da posse os seus senhores,
Em permuta dos risos dá-lhe dores,
Para vê-los chorar!*

*Tal é do Itajaí o caso triste
Que a minha rude pena ainda persiste
Em carmes referir;
Sucesso que no novo continente
Não encontra outro igual que se apresente
E possa competir.*

*Das reprêsas saindo impetuosos,
Se exendem pelo espaço, borrascosos,
Devastadores ventos;
Negras nuvens em séquito os cortejam
E os páramos celestes já negrejam
Em hórridos concertos.*

*Sem detença condensam-se os vapores
A luz desaparece... só fulgores
Tem a feia procela!
Enormes catadupas lá se geram
E vindo sôbre a terra logo operam
A dor e a morte nela!...*

*O gigante que então ali jazia,
Levanta-se do leito em que dormia
E altivo o colo eleva;
O egipciano irmão além divisa...
Vê dêle a inundação que fertiliza
E a terra sobreleva!...*

*Horrível espetáculo se oferece
Então aos tristes incolas! Parece
O globo liquifeito!
Veloz conduz no dorso a correnteza
Tudo quanto a benigna natureza
Ali houvera feito!...*

*Nas ruidosas águas, qual falua,
Do inditoso colono além flutua
A cara habitação!
Já perdido tem êle o manso gado...
E o tesouro que a terra lhe há dado
Destroe a inundação!*

*Agora enegreceram tristes côres
O lutuoso quadro de amargores
Difícil de pintar!
Do imortal Alencar a ilustre pena
Esta tão aflitiva e mesta cena
Só poderá narrar.*

*Ao longo se destaca no horizonte
Um volume, que indica ser do monte
Desprendido torrão...
Sôbre o dorso caudal ei-lo vogando...
Aí vejo dois entes definhando
Em penosa aflição!...*

*Aqui ora flutua frágil berço,
Cujó dono talvez já esteja imerso
No seio da corrente!
Mas... não! escolheu Deus aquêle asilo
Para nele salvar, como no Nilo,
Um gentil inocente!...*

*E aquêles, que no vórtice das águas
Se debatem além entre mil máguas
Dos dias são-lhe autores
Dêles ontem gozou ainda as ternuras
E, tão tenro, já trava hoje as agruras
Do cálice das dores!...*

*Tal é do Itajaí o caso triste,
Onde a pobreza agora só existe,
O pranto, o assolamento...
A obra em tanto tempo levantada
De todo destruída, aniquilada
Foi em breve momento!!!*



A 8 de julho de 1852, deu-se comêço à picada que, partindo da barra do ribeirão da Velha, seguia para Salto Weissbach, acompanhando a margem direita do Itajaí-Açu, ou seja, a atual rua São Paulo.



NO dia 7 de julho de 1892, foi promulgada a primeira constituição republicana do Estado de Santa Catarina. Entre os deputados que a subscreveram, estavam Emanuel Pereira Liberato e Elesbão Pinto da Luz, o primeiro de Itajaí e o segundo de Blumenau. Dois anos depois, Elesbão era fuzilado na fortaleza de Anhatomirim.

Flagrantes da história do Rio do Sul

Victor LUCAS

Eis o inteiro teor do officio n.º 96, do dr. Hermann Blumenau, a que aludi em meu artigo anterior, publicado no número 5 dèstes "Cadernos":

"Parecendo-me de urgente conveniência e necessidade estabelecer-se, com a máxima possível brevidade, na embocadura do Rio Itajaí-Sul, no lugar da projetada povoação de HUMAITÁ, um pósto de passagem e pouso e núcleo de habitantes, e tendo eu a honra de apresentar a V. Excia. sôbre êste assunto, o incluso memorial, venho, ao mesmo tempo, respeitosamente, solicitar a V. Excia. se queira dignar de autorizar esta diretoria, para, por meio das medidas, na mesma propostas, ou outras, que parecerem mais acertadas, e convenientes, realizar a idéia principal na mesma ventilada. Deus guarde a V. Excia. Colônia Blumenau, 18 de dezembro de 1878. Ass.: O diretor **Hermann Blumenau.**"

Interessantíssimo êste documento, de valor inestimável para os estudiosos da nossa história local. Surge, pela primeira vez, o nome de Humaitá, sugerido por Hermann Blumenau, para a nossa cidade de Rio do Sul. Tudo, porém, ficou nos papéis. Assim como o governo não deliberou a verba para o estabelecimento de um pósto de índios, na barra do Rio Itajaí-Sul, assim também não houve maior interêsse no estabelecimento de um núcleo de colonos na conferência dos nossos dois rios, Sul e Oeste, morrendo, assim, êste projeto do Dr. Hermann Blumenau, no nascedouro. Certamente as experiências feitas com o núcleo de Lontras bastavam ao governo para não encorajar o Dr. Hermann Blumenau na procura de novos problemas e dificuldades. Nos documentos, até agora encontrados, não consta ter estado o Dr. Hermann Blumenau em Humaitá, hoje Rio do Sul. No officio nr. 75, de 14 de outubro de 1878, antes, pois, do artigo publicado pelo jornal de Blumenau, o Dr. H. Blumenau, abordou, também, a situação da estrada de Blumenau-Curitiba. Registro, aqui, a parte, pelo que possui de histórico: "Do lugar de Aquidaban, no Ribeirão do Neisse, ponto êste, que atualmente deverá ser considerado como o inicial da estrada, até o ribeirão das Lontras — 37,5 quilômetros — o caminho está sofrivelmente aberto e em melhoramentos porque, perto dèste último ribeirão, últimamente, foram estabelecidas 58 famílias lombardas, que dêle carecem para a sua existência naquela já bastante avançada e remota localidade". Prova-nos, êste officio, que a localização dos colonos lombardos em Lontras deu-se aí pelo ano de 1875. Resta ainda registrar, com respeito à situação criada em Lontras, o telegrama expedido pelo Dr. H. Blumenau, da estação de Itajaí, em data de 15 de dezembro de 1879 e que é do seguinte teor: "Blumenau, 13 de dezembro de 1879. Vieram hoje, 13, do distrito de Riachuelo, cincoenta e um pais de família lombardos, pedindo seus salários atrasados e aumento dos mesmos de 1\$500 rs. para 2\$000 rs. Tendo já dantes lançado mão de todos os recursos e lhes pago o setembro, dei, hoje, ainda 5\$000 rs. a cada um por conta, mas agora sou ao cabo daquêles e careço com máxima urgência de dinheiro, porque tenho ainda esperar muitos outros inconvenientes graves. Dr. Blumenau".

Como bem fala o telegrama, êstes colonos, em número de 51, representando quase a totalidade dos moradores trazidos para Lontras, se amotinaram, reclamando do Governo immediatas providências, pondo em sobressalto a Colônia Blumenau. A muito custo o diretor da Colônia, Dr. Blumenau, conseguiu contornar a situação, mas não lhe foi possível detê-los, por lhe carecerem meios financeiros. O clima, aqui em Lontras, ponto avançado do serviço de colonização, um pouco antes a êste telegrama, era bastante carregado, o que ressalta de um outro telegrama, expedido no dia 7 de dezembro de 1879, quer dizer 6 dias antes, apenas, onde reclama urgentes meios para enfrentar os amotinados. Êste outro telegrama dizia o seguinte: "Blumenau, 7 de dezembro de 1879. Lotes preparados com derrubadas e casas não existem, sendo aqui o costume que os próprios emigrados executem tal serviço. No Salto do Pilão há 30 lotes disponíveis, mas por causa da desastrosa sêca será impraticável, agora, colocar ali mais colonos ao lado dos italianos já existentes em melindrosas circunstâncias. Nos demais distritos existem disponíveis cêrca de 40 lotes, parte, porém, de mui inferior qualidade. Se me forem concedidos, desde já, poderes, di-

nheiro e mais um agrimensor ou dois, julgo que no novo distrito da Itoupava, não tendo dinheiro, nem para os primeiros pagamentos aos novos imigrados e dentro de seis a oito semanas, se poderão medir 50 lotes e mais. Atualmente careço dêle com a máxima urgência. Dr. Blumenau". A relutância do governo em fornecer meios deve estar baseada no fato de não se interessar mais em criar sempre novos núcleos como era do desejo do Dr. H. Blumenau, já que estes novos núcleos reclamavam cada vez mais assistência, complicando uma situação já de si difícil. Temos provas, que em outras circunstâncias, quando se tratava de conservar e amparar velhas Colônias, o governo não media esforços e fornecia os meios para resolver problemas, mesmo os mais difíceis, como os resultantes da catastrófica enchente de 1880. Os meios postos à disposição para socorrer Blumenau, num montante de 400.000\$00, considerado o valor aquisitivo daquela época, eram simplesmente espantosos, prova que o velho Imperador olhava com tôda ternura o grande trabalho colonizador prestado pelo Dr. H. Blumenau, neste hemisfério. Mas, por certo, não quis ir além, tanto assim que relutava em atender aos clamôres do velho e honrado diretor Dr. Blumenau, cujo impeto colonizador, como se vê, não diminuiu com todos os anos de luta e sacrifício. Assim, um mês antes destes acontecimentos, que culminaram num motim, que tanto trabalho deu ao dr. H. Blumenau, este último endereçou um officio ao governo, reclamando, igualmente, o estabelecimento de um passageiro (balseiro) na barra do Rio Itajaí do Sul, como veremos pelo teor, que ofereço aqui aos leitores amigos. El-lo: "Diretoria da Colônia Blumenau, 1.º de novembro de 1879. Exmo. sr. Julio Caetano Pereira, Secretário Interino do Governo. Tendo a honra de apresentar a V.S. a inclusa relação dos imigrantes, entrados antesde-ontem nesta colônia, permito-me ainda e muito encarecido, V.S. queira ter a especial bondade de me participar, sendo possível, se ainda não foi resolvido sôbre o negócio dos terrenos e do estabelecimento de um passageiro na barra do Itajaí do Sul, de que tratava o meu officio, já informado em agôsto, pela Tesouraria, como V.S. lembrará; e bem assim se ainda não há crédito para eu receber as quantias destinadas para as despesas do mês de setembro, que, há tempo, tenho solicitado, apresentando o competente orçamento; estou muito importunado pelos colônos que têm direitos a receber pagamentos e portanto com ansiedade esperando e suspirando pela chegada dos "nervus rerum". Deus guarde V. Excia. O diretor: Dr. H. Blumenau". Este documento, principalmente, dá-nos conta que o Dr. Hermann nunca esmoreceu na sua faina de melhorar a situação da Colônia Blumenau, da qual esta região fazia parte. Efetivamente existe um contrato em que dois caboclos foram ajustados para atender à balsa que Hermann Blumenau previra para Rio do Sul, então Humaitá. É por demais interessante para não se dar na íntegra o documento onde fôra estabelecido o ajuste para os dois balseiros reclamados para uma passagem na barra do Rio Itajaí do Sul:" Diretoria da Colônia de Blumenau, 10 de Junho de 1879. Pelo presente, o senhor José Beje de Siqueira, bem como seus genros José Antonio da Cruz e Antonio Bernardo, ficam autorizados, para na margem esquerda e barra do Rio Itajaí-Sul e nas margens da estrada, que ali existe, praticarem cada um, derrubada da área de aproximadamente 25.000 metros quadrados, correspondente a cerca 100 metros de frente com duzentos metros e cinquenta de fundos. Esta autorização, ou licença, que não outorga direito algum de propriedade, se entende sob título de arrendamento por três anos consecutivos, que findam em último de junho de mil oitocentos e oitenta e dois — 1882 — revertendo, então, para o domínio do Estado o terreno ocupado com tudo, que então nêle ainda se achar, para servir para a projetada povoação de Humaitá. Além da área supra, serão ainda demarcadas e medidas, a cada um dos rendeiros, supramencionados, duas análogas e contíguas, em que o mato deve ser derubado, se não dantes, pelo menos no princípio do segundo e do terceiro ano, sendo o fôro das três áreas reunidas de cinco — 5 — mil reis por ano, havendo tais fôros de ser empregados no melhoramento da passagem e passo de Humaitá. Fica aos rendeiros, no seguimento da celebração dos seus tratos, mais garantido o direito de preferência na escôlha e compra de lotes de terras, tanto urbanos na futura povoação Humaitá, como de rústicos e rurais regulares e coloniais nas partes vizinhas, no seu tempo medidos e demarcados, ficando, porém, tais compras, no seu tempo, reguladas pelas ordens e regras coloniais vigentes. Os diferentes lotes dados, assim, em arrendamento, serão prèviamente medidos e de-

marcados e os respectivos contratos celebrados pelos interessados em esta diretoria, devendo os representantes pretendentes, chefes de família, para serem admitidos, apresentar-se munidos com atestados de moralidade e bom comportamento, passados pela delegacia de polícia competente. Serão admitidos sob as mesmas condições até vinte e cinco famílias morigeradas, devendo, porém, estabelecer-se em ambas as margens do Itajaí do Sul e os chefes apresentar-se em esta diretoria até o fim do corrente ano. Adendo: Tendo esta Diretoria encarregado o sr. José Beje de Siqueira com o serviço da passagem na barra do rio Itajaí-Sul pelo prazo de três anos, a findar em último de junho de mil e oitocentos e oitenta e dois — 1882 — fica êle autorizado e com direito para cobrar as taxas seguintes de passagem:

1 animal de sela com, ou sem alforges e pertences	60 réis
Indo na balsa ou canôa	
Um dito passando a nado, indo os arreios e pertences em balsa ou canôa	200 réis
Um cargueiro, com ou sem carga, em balsa	100 réis
Tropas de qualquer gado, passando a madrinha a nado	500 réis
Rebanhos de carneiros, passados na balsa, por cabeça	20 réis
Pessoas a pé	nada

O Diretor Dr. H. Blumenau."

Parecer da Contadoria da Tesouraria de Sta. Catarina: "Se bem que a procuradoria fiscal opine, em seu parecer de 22 de julho, último, deve levar-se ao conhecimento do governo geral a proposta de que trata o Dr. Blumenau, no officio incluso, por ser aquela autoridade a competente para autorizar a criação de novos núcleos coloniais, no que importam as medidas propostas; contudo eu julgo que a presidência da Província pode resolver a questão no intuito de autorizar o Dr. Blumenau a fazer os contratos e arrendamentos pela forma indicada; porquanto não trazendo tais concessões outras despezas além da de medição e demarcações, por isso que com nenhum auxilio pecuniario concorre o Estado para o estabelecimento das famílias que forem cultivar terras, é ainda um elemento de prosperidade para a colônia e um incentivo para outros povorem a importante estrada Curitibanos, encontrando êles de logo um pouso seguro para as tropas que por ali transitarem. Além disto, se as instruções de 15 de dezembro de 1875, permitem, no artigo 1.º, que as presidências de provincia autorizem despezas com obras coloniais até quinhentos mil réis, sujeitando seus atos à aprovação do Governo Geral, também acho intuitivo que com maioria de razão e vantagem, pode V. Excia., o sr. Presidente da Província, conceder a permissão pedida no officio junto. Contadoria da Tesouraria de Sta. Catarina, em 8 de Agosto de 1879. 2.º escuritário J. Al. da S. Simas — Concordo. Melchiades."

Alguns fatos ressaltam claramente dêstes documentos. 1.º — que a passagem naquela remota época era dada, ou melhor, se dava, pelo passo de Humaitá, que não era outro que o da "Xarqueada", citado em minhas crônicas anteriores. Era êste passo, um raso existente ali e que oferecia aos viandantes condições das mais precárias e perigosas, o único meio de passar o rio. 2.º — que não havia um pouso para as tropas que se movimentavam de Curitibanos e Campos Novos para o litoral, por não haver morador em Rio do Sul, ou Humaitá. 3.º — que o governo não pôs à disposição da Diretoria da Colônia de Blumenau meios para amparar os eventuais colonos a serem fixados em Humaitá. Ficam assim em documento público, confirmadas as afirmações do autor destas linhas, que ao dar início à publicação destas crônicas, registrou esta falta de amparo aos colonos no desbravamento do sertão do Alto Vale do Itajaí, transformando-os assim em autênticos pioneiros que, quais os das gloriosas bandeiras, se infiltraram pelos sertões inóspitos, carregando nos seus próprios ombros a responsabilidade de eventuais sucessos e fracassos. As contingências que se apresentaram ao nosso velho e já alquebrado Dr. H. Blumenau, foram as mais difíceis. Sem meios, e com um governo que fazia ouvidos moucos aos seus insistentes e profundamente suspirados apêlos, esta tentativa de colonisação, que anos antes se iniciara com tão bons auspícios em Lontras, estava condenada a fracassar e de fato também fracassou. Mas a responsabilidade dêsse fracasso não podemos atribuir a êste último, mas sim, à resistência do Governo Imperial

em fomentar e financiar o estabelecimento de novos núcleos, que absorviam enormes quantias do erário público, em si já tão minguado para atender aos reclamos que lhe foram dirigidos de todos os quadrantes do país, onde havia companhias colonizadoras. Após os dramáticos acontecimentos provocados pelos colonos de Lontras, que se dirigiram em massa a Blumenau, reclamando e exigindo imediatas providências, que foram precariamente atendidas, os colonos abandonaram novamente as terras e voltaram a Blumenau, com o que fechou-se o primeiro ciclo da colonização oficial do Alto Vale do Itajaí. Com a destituição do seu Diretor, Dr. Hermann Blumenau, que se deu de uma forma inesperada e eivada de injustiças, conforme nos é possível verificar pelas polémicas tecidas em torno do assunto no "Blumenauer Zeitung", de 20 de Maio de 1882 Nr. 21, e onde é censurado o Ministro da Agricultura, Dr. Araujo, por ter dado ouvido demais aos detratores do honrado e sacrificado diretor da Colônia Blumenau, acusa-se frontalmente o Ministro, que na sua réplica ao nosso Deputado Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay, para justificar sua medida de extrema injustiça, ter encarado a questão sob um prisma, onde aparecem os motivos torcidos pelos adversários políticos do Dr. H. Blumenau. Não só torcidos, mas adredemente preparados e explorados para fulminar o velho diretor e o grupo que o cercava e defendia. Ainda conforme o jornal, a destituição deu-se em virtude de um tumulto provocado por grupos de colonos poloneses, instigados pelos adversários políticos, numa questão surgida com pagamentos de salarios e onde é imputado ao Dr. H. Blumenau a intenção de fazer um desconto indevido, de um dia de salario, aos diretos colonos poloneses, que se revoltaram e com esta revolta teriam 800 colonos ameaçado invadir Blumenau para restabelecer a ordem, em favor do Dr. H. Blumenau. Não cabe aqui, nestas minhas páldas crônicas, alongar-me nestas considerações. Fi-lo, apenas, para registrar a destituição, que marcou o abandono completo da colonização oficial, por parte do governo, do Alto Vale do Itajaí. Os projetos de Lontras, como o de Humaitá foram arquivados e os colonos abandonados à sua própria sorte. Assim, dentro desse abandono, os colonos voltaram ao ponto de onde partiram em busca de um novo lar e, conforme consta, não houve remanescentes desta primeira tentativa de colonização de Lontras.



Enterros do passado

Hoje em dia, os preços dos enterros andam pela "hora da morte". Não há quem possa suportá-los.

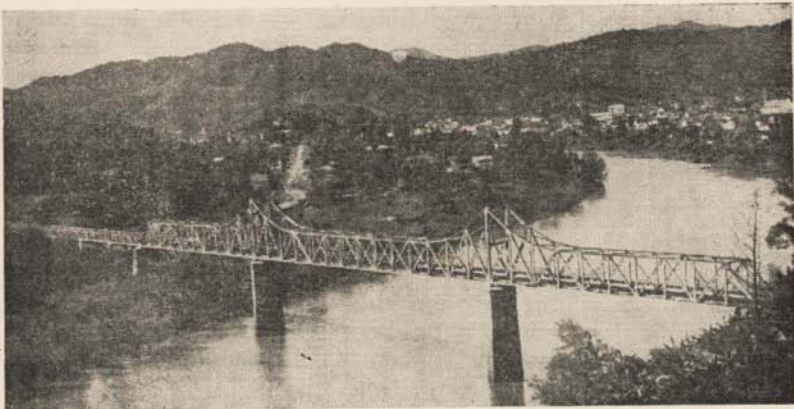
Um caixão custa os olhos da cara (dos que ficam, naturalmente). Acompanhamento, choro, sepultura, coveiro, tudo é arranjado a peso de ouro.

Antigamente, a coisa era bem diferente: quatro sarrafos e um pedaço de chita preta davam um caixão. As velas eram de cebo e fabricadas no vizinho, que sempre tinha umas quatro de sobra para ofertar, com os pêsames, à família enlutada.

Flôres "era mato", pelas beiras das estradas e mesmo pelos quintais dos outros... Bastaria enfiar o braço pela cerca de bambus e se apanhavam maços de sempre-vivas, de mimo-do-Brasil, de crista-de-galo. Alguma velhota poderia protestar lá de dentro do rancho. Mas sabendo que era para defunto, rezava, ainda por cima, um "Credo" pela alma do dito. Um galhinho de arruda e uma chícara sem asa serviam bem para a aspersão do corpo com água benta.

Os acompanhantes iam mesmo a pé, amassando o barro das estradas, ou então em carroças emprestadas pelos compadres e pelo ne-

BLUMENAU PITORESCO



Tendo, em primeiro plano, a bela ponte da Estrada de Ferro Santa Catarina, eis uma pitoresca vista parcial da cidade de Blumenau, com o bairro de Ponta Aguda e curva acentuada do Ijai-Açú. O rio, com o grupo de montanhas ao fundo, dá à nossa cidade encantos e belezas de que poucas cidades brasileiras se poderão orgulhar. A ponte, cuja estrutura é de aço, dá passagem aos trilhos do trecho Blumenau-Itajaí, tendo também lugar destinado aos pedestres. Com esta, são em número de cinco as pontes sobre o Itajaí-Açu dentro do perímetro urbano de Blumenau: duas construídas pela Estrada de Ferro Santa Catarina, uma pela prefeitura e duas por esta com o concurso do Estado.

gociente mais próximo. Ninguém gastava nada. Até mesmo as sepulturas custavam uma ninharia. Temos, agora mesmo, sob os olhos, uma certidão de sentença do juiz de direito da comarca de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco Xavier do Sul, datada de começos de 1860, mandando que os fabriqueiros das quatro matrizes que integravam o município de Pôrto Belo (e o nosso Blumenau ia junto) as do Bom Jesus dos Aflitos, a de Santo Amaro de Camboriú, a de São Sebastião da Foz do Tijucas e a do Santíssimo Sacramento do Itajaí, passassem a cobrar, dali em diante, 50 centavos por sepultura de criança até sete anos e um cruzeiro (ou um mil réis, como se chamava o nosso dinheiro no tempo em que êle valia alguma coisa) por sepultura de maiores de 7 anos. O que, até ali, se vinha cobrando, não dava mais para as despesas da fábrica: 32 centavos (320 réis, ou duas patacas) por sepultura, de criança ou de adulto, indistintamente.

E o juiz ainda chamava a atenção dos fabriqueiros: “apresentem nota de despesas maiores de 100 réis, que fizerem com a conservação dos cemitérios, do contrário serão glosadas!”

Será que, por isso tudo, se morria mais satisfeito naquêles tempos de barateza do que nos de hoje, de carestia?

NOS TEMPOS DA COLÔNIA

Uma inteligente blumenauense dos velhos tempos — que deseja conservar-se anônima — escreveu uma série de pequenos episódios da era colonial, dois dos quais damos a seguir. Oportunamente, publicaremos outras interessantes lembranças dessa distinta conterrânea a quem agradecemos a valiosa colaboração.

I

O mês de junho de 1859 caminhava para o fim.

No pôrto do Rio de Janeiro encontrava-se, ancorado, um veleiro que viera da Europa, carregado de emigrantes alemães. O convés estava quase deserto. Passageiros e tripulação haviam descido à terra.

Apenas uma mocinha, debruçada na amurada, imersa em profundos pensamentos, contemplava a linda cidade.

As saudades da terra natal, a velha Silésia, que ela, juntamente com seus pais, deixara para sempre, enchiam-lhe a alma de tristeza. O dia estava quente, o ar abafado. Um leve vestido de verão, talhado pela última moda, mangas curtas e elegantes babados, envolvia a gentil figura da menina. Esta voltou-se ao ouvir passos apressados. Um homem já de meia idade, num terno simples de brim, parou diante dela, olhando-a de alto a baixo, através das grossas lentes dos óculos.

— Então, a senhorita também vai para Blumenau?

Mal a menina respondera afirmativamente, com um sinal da cabeça, o homem acrescentou em tom irônico e elevando um tanto a voz:

— Mas olhe! É bom que saiba desde já que lá não há bailes, teatros, concertos...

E depois de lançar um olhar severo à espantada mocinha, o homem afastou-se apressado.

Mêses depois a menina, tão criticada pelo dr. Blumenau — pois era êle o homem do navio — passava, dia após dia, por diante da casa do fundador, cumprimentando-o amavelmente, numa surrada camisola, com a enxada ao ombro, em companhia do pai, em direção à roça.

E, pela disposição, esforço e entusiasmo com que se adaptou à nova vida, à que, absolutamente, não estava acostumada, a moça conquistou a estima do dr. Blumenau, homem extremamente reto e do qual, mais tarde, se tornou sobrinha, pelo seu casamento com Victor Gaertner.

II

O fato se passou junto à ponte sôbre o ribeirão Fresco, diante da igreja protestante. Essa ponte foi, por anos e anos seguidos, conhecida geralmente pela denominação de "Pastor Brücke", a ponte do Pastor.

Certo dia, uma turma de crianças, entre nove e doze anos, das famílias Blumenau, Wendeburg, Gaertner e Friedenreich, tôdas descalças e vestidas de riscado, tôdas sujas e suadas, pois vinham de longa excursão pelos matos e roças, estavam reunidas sôbre essa ponte, em tórno de um montão de plantas que haviam colhido.

Um homem delas se aproximou, também de roupa de riscado, e de tamancos — e, achegando-se ao grupo, tomou de um exemplar de bromélia, d'entre as plantas amontoadas, e perguntou, interessado:

— Onde é que vocês encontraram isto?

Um pequeno gorducho e introneteado respondeu prontamente, por trás dêle:

— No “Affenwinkel”!

Por essa designação, que significa “Canto dos Macacos”, era, então conhecida a rua Pastor Hesse atual.

O homem dos tamancos, que não era outro senão o próprio Dr. Blumenau, voltou-se repentinamente e tornou a perguntar:

— Onde ?

E, mal o gorducho garôto ia repetir: No Affen... recebeu um bom puxão de orelha que lhe cortou a palavra pelo meio e, com o puxão, a recomendação de que o lugar se chamava “Kühler Grund” (Recanto arejado, fresco) e uma meia dúzia de epítetos como “cabeçudo” etc...”

E, com isso, o Doutor agarrou a bromélia e afastou-se.

E o gordo herói, ainda quando andava já pelos cinquenta anos, ria-se gostosamente ao lembra-se do inesperado puxão de orelhas recebido do temperamental dr. Blumenau...



Viva o imperador!

A vila de Bom Jesus dos Aflitos de Pôrto Belo, cabeça do têrmo de todo o vasto território compreendido desde o sul do grande Itajaí até o norte do Tijucas, estava em alvorôço nos fins de maio de 1841.

É que se estava em vésperas da coroação do jovem imperador Dom Pedro Segundo, declarado maior no ano anterior, e o município deveria comemorar festivamente o faustoso acontecimento. Reunida sob a presidência do vereador João da Cunha Bitencurt e secretariada por Joaquim Antônio da Silva Trindade a câmara se reúne a 6 de maio para providenciar o programa de festejos. Tinha que ser uma comemoração que deixasse lembrança por muito tempo. Depois das necessárias discussões resolveu-se mandar publicar o seguinte edital: “A Câmara faz saber aos moradores dentro dos limites desta vila que deverão iluminar as suas portas nos dias 21, 22 e 23 do corrente, em ação de graças pela coroação e sagração do nosso jovem monarca, o primeiro imperador brasileiro, o senhor Dom Pedro Segundo para cujo fim e solene ato, espera que ditos moradores não deixem de cumprir este convite que deve ser elevado ao mais alto tipo de obediência, respeito, amor à sua pátria de subditos daquele jovem monarca”.

Determinou-se, ao mesmo tempo, ao procurador da câmara que comprasse “uma salva real, 2 quilos de cera, um caixão de velas de sebo, libra e meia de pólvora grossa e mais alguma coisa precisa para o dia glorioso, 23 do corrente, quando deve ser coroado e sagrado o nosso jovem imperador, carregando tudo em despêsa desta câmara”.

E certamente deveria ter sido um deslumbrante espetáculo, principalmente para os que percorressem a praia de Itapema e vissem, lá longe, a vila de Pôrto Belo feêricamente iluminada com tanta vela de cebo!



PELA lei provincial n.º 693 de 31 de julho de 1878, foi criada a freguesia de São Luís de Gonzaga, de Brusque, ficando o antigo núcleo de Itajaí e a colônia Dom Pedro desmembrados do município de Itajaí.

FREI ESTANISLAU SCHAEETTE O.F.M.

Foi, incontestavelmente, uma grande perda para a Província Franciscana da Imaculada Conceição, a morte, ocorrida a 8 do corrente, em Petrópolis, de frei Estanislau Schaeette. E foi, talvez, maior ainda a perda que, com êsse infausto acontecimento, sofreu o Vale do Itajaí, a que o extinto estava ligado por laços muito estreitos.

Tendo vivido vários anos no convento desta cidade, como professor e diretor do Colégio Santo Antônio, frei Estanislau interessou-se pelo estudo do nosso passado e, vasculhando arquivos, revolvendo bibliotecas, ouvindo depoimentos de moradores antigos, conseguiu amontoar vastíssimos conhecimentos, tornando-se acatado mestre da nossa história. Escreveu, sobre isso, centenas de artigos que se acham esparsos por jornais e revistas de vários Estados.

Tanto em Santa Catarina, como, posteriormente, em Petrópolis, onde residiu nos últimos anos, sua paixão pelas cousas do passado, principalmente no que concerne ao movimento religioso, revela-se em seus mínimos trabalhos, na satisfação com que conversava sobre homens e coisas de antanho, pondo, à disposição de quantos o procurassem, o grande cabedal de informações que recolhera nos longos anos de sua útil e abençoada existência.

Alma boa, de verdadeiro pai e amigo, teve, também, o extinto, um carinho todo especial pela educação da infância e da juventude. Foi um mestre em todo o sentido do termo, tendo tomado parte em memoráveis movimentos pela melhoria e padronização do ensino primário particular. Seus conselhos e suas opiniões eram respeitadas e acatadas, nos meios educacionais, como os de um educador abalisado, de um orientador seguro, merecedor de absoluta confiança.

Sentia especial afeição por Blumenau, pelo Vale do Itajaí, pelo progresso cultural e religioso do qual alimentava particular interesse.

Dizem-nos que, já nos últimos dias da sua longa peregrinação de 88 anos por êste mundo, na enfermaria do convento onde faleceu, julgava-se em Blumenau e admirava-se como é que frades e amigos de Petrópolis, faziam viagem tão longa para visitá-lo.

Para nós, os desta revista, o desaparecimento de frei Estanislau representa perda irreparável. Além de nos orientar e nos estimular com os seus conselhos, auxiliava-nos com o grande acervo de informações históricas que continuamente nos mandava.

De um modo geral, todos os artigos que temos publicado neste mensário, sobre a vida religiosa em nossa região, sobre os franciscanos e sua missão civilizadora, os primeiros católicos e os primeiros padres do Vale do Itajaí, devem-se aos elementos históricos que frei Estanislau punha à nossa disposição.

Bom e humilde, como perfeito imitador, que era, do Saráfico Pai, Frei Estanislau deixa amigos por tôda a parte, que o choram e bendizem a sua memória.

“Blumenau em Cadernos” associa-se à mágua da Província da Imaculada Conceição pelo lamentável golpe e, por intermédio de seu digno e mui reverendo padre Provincial, transmite as suas condolências a todos os confrades do querido morto.

12.º - ALVIN SCHRADER - (1903 a 1914)

Nos fins do segundo govêrno do dr. José Bonifácio da Cunha, agravou-se a situação política com o recrudescimento da oposição, que tinha como chefe a Pedro Cristiano Feddersen e como porta-voz o semanário "Der Urwaldsbote", em cuja redação pontificava a interessante figura de jornalista ardoroso e destemido, Eugênio Fouquet. Este e G. Hinsch eram os mentores, também, da "Volksverein", sociedade que se fundara com o fim primordial de combater a situação municipal. Em janeiro de 1901, Feddersen consegue eleger-se presidente da câmara, valendo-se de uma maioria ocasional de vereadores do seu partido. Esse fato agravou, mais ainda, a crise. Nova reunião da câmara, desta vez com a maioria de membros partidários do dr. Cunha, anula as eleições anteriores e elege seu presidente a Carlos Jansen. A oposição tudo tentou para anular o ato que, entretanto, é mantido pelo govêrno do Estado.



Herçílio Luz, que pretendia novamente eleger-se governador e que se encontrava em oposição a Felipe Schmidt, estimula Feddersen e o seu grupo. Assim, apesar de ter Lauro Mueller conseguido compôr as alas dissidentes do Partido Republicano, no âmbito estadual, no municipal a luta continuou acêsa. Para as eleições da renovação do govêrno municipal, em dezembro de 1902, apresentaram-se dois candidatos: Luís Altemburg, pelos partidários do Dr. Cunha e Alvim Schrader, pelo "Volksverein", ou sociedade popular. Schrader obteve 300 votos a mais que o seu contendor, tendo assumido o cargo de Superintendente a 2 de janeiro do ano seguinte. Como esse distinto blumenauense tivesse sabido orientar a administração municipal, por uma severa linha de justiça e de honestidade, fazendo o que era possível, com um orçamento minguado e um município vastíssimo, com cêrca de 15 mil quilômetros quadrados de superfície, foi reeleito nos dois quadriênios seguintes, tendo permanecido à frente da administração municipal até 2 de janeiro de 1915. Entretanto, na segunda reeleição, a sua candidatura sofreu grande oposição e teve um competidor forte na pessoa do comerciante e industrial Júlio Probst, que teve expressiva votação. O govêrno de Alvin

Schrader decorreu em relativa calma, de sorte que puderam ser atendidos, com eficiência, os vários setores da administração. Durante esse governo, foi inaugurada a Estrada de Ferro Santa Catarina (1909), de Blumenau a Hansa; a iluminação elétrica, proveniente da usina que Frederico Busch construiu em Gaspar Alto; a ponte de ferro sobre o ribeirão Garcia e a Ponte do Salto; foram abertas várias estradas, entre as quais a da margem esquerda do Itajaí; criados os distritos de Hamônia e Bela Aliança (13-4-1912) e muitos outros melhoramentos foram introduzidos, inclusive no setor da instrução pública, com a criação de várias escolas isoladas e a inauguração, pelo Estado, do Grupo "Luís Delfino".

Além de outros cargos públicos, exerceu Schrader também o de deputado à Assembléia Estadual na legislatura de 1925 a 1928. Schrader nasceu em Blumenau em 26 de dezembro de 1869. Estudou na Alemanha. Em 1890 voltou para Blumenau, auxiliando seu pai na direção da casa comercial, que este último mantinha desde 1859 e que, ainda hoje, é um dos grandes estabelecimentos blumenauenses. Em 1894 passou a dirigir a firma, da qual seu pai se retirara. Foi presidente da Caixa Agrícola Cooperativa de Blumenau, instituto de crédito mais tarde incorporado ao "Banco Inco". Foi também diretor-gerente da Empresa Industrial Garcia e diretor-presidente da Fábrica de Gazes Cremer S/A. Teve atuação destacada na sociedade blumenauense, fazendo parte de várias organizações recreativas, educacionais e de beneficência. Faleceu na Alemanha, aonde fôra a passeio e onde o colheu a guerra mundial de 1939, impedindo o seu imediato retorno ao Brasil. Suas cinzas, entretanto, jazem no cemitério evangélico desta cidade, junto às de sua esposa, Elisa Hosang.

Alvin Schrader era homem muito metódico e minucioso em tudo, nos seus negócios particulares, assim como nos referentes à administração do município. Ele mesmo redigia os seus relatórios anuais, em bom português, e estava ao par dos mínimos pormenores dos problemas municipais. De seu relatório de 1906, que temos presente, transcrevemos este trecho: "Muito sofreu o nosso comércio com os campos da Serra durante o ano passado por causa dos repetidos assaltos dos índios na estrada para a serra. Muitas tropas foram atacadas e afugentadas pelos indígenas, perdendo sua vida vários tropeiros e a importante estação de Pouso Redondo, cujos moradores perderam a maior parte de



A quatro do próximo mês de agosto transcorre o centenário de fundação de Brusque. — Prestigie coma sua presença os festejos comemorativos.

sua criação, acha-se ameaçada constantemente. Ficou verificado que êsses assaltos foram feitos não pelos botocudos existentes nos nossos matos e sim por uma tribo de "coroados" que veio do Paraná e parece ser muito numerosa. Em consequência dêsses fatos, fogem os tropeiros que fazem o comércio entre o litoral e a serra, a nossa estrada e o comércio sofrem. Pessoas que bem conhecem as circunstâncias, recomendam a derrubada do mato em ambos os lados da estrada na largura de 15 metros (até agora é de 7,5 metros) e empregar uma turma de 8 a 10 homens, com um bom feitor, que constantemente trabalhasse na estrada. Também seria vantajosa a concessão gratuita de terras, em ambos os lados da estrada, a colonos para apressar a sua ocupação. Com isso diminuiria o perigo dos selvagens, embora tais medidas não importassem, naturalmente, em nenhuma solução definitiva do problema. Pretendo submeter à aprovação do govôrno as mencionadas propostas".



FRAU SCHELLE CONTA...

A presente narrativa, é do velho diário de Hermann Aichinger, um dos que muito trabalharam pelo progresso de Ibirama. O autor descreve episódios do início da colonização dêsse próspero distrito, então Hammônia, iniciada pela Sociedade Colonizadora Hanséatica, com sede em Hamburgo, em 1897, fatos ocorridos com o casal Peter e Maria Schelle, nos começos dêste século.

Por ocasião das bodas de ouro do casal Schelle, quero dedicar, aos beneméritos jubilados, um trecho dos meus apontamentos antigos. Como velho amigo, posso tomar a liberdade de apresentar os fatos sem grandes floreios.

Do meu diário consta: "Depois dos pormenores sôbre a sua chegada a êste rincão, e dos motivos que os trouxeram a êste "eldorado", frau Schelle conta: "Logo após a nossa chegada ao hotel Holetz, em Blumenau, participamos, à noite, de uma soirée dansante. Uma das auxiliares da cozinha, nessa ocasião, teve uma observação bem consoladora: "Deixa estar! em breve vocês não pensarão mais em dansas..."

Apesar de todos os pesares, entretanto, o casal Schelle nunca deixou de se divertir, de forma que, em muitos bailes eu mesmo dansei com a jubilada.

Na época da sua chegada aqui, em Hammônia, esta constituia-se, além de cinco casas de morada, da escola, a igreja evangélica, a direção da colônia, a casa do médico e de uma ferraria.

Deixo de mencionr os pormenores da escôlha do lote, na região do Rafael, das dificuldades em descobrir como é que se cozinhava (sem fogão nem os costumeiros utensílios) o feijão e a carne-sêca. As mulheres, que integravam aquela turma de imigrantes, eram tôdas sem experiência nos afazeres domésticos, tôdas andando pelos vinte anos de idade. Resultado: tôdas elas sentadas nos baús, chorando. Frau Schelle sentiu-se aliviada quando encontrou, no seu amargurado coração de bávara, uma justa classificação para o marido, na idéia de tê-la arrastado para uma região onde só se via mato e céu: "uma verdadeira bêsta"! Schelle, que tinha veia de filósofo, acolheu o "elogio" sem protesto, convencido, afinal, que, no fundo, as mulheres sempre têm razão.

Frau Schelle adotou o lema de Henrique VI: "Não descansarei, enquanto cada cidadão não tiver, aos domingos, uma galinha na panela". Assim chegou, também para ela, o domingo com o primeiro frango refogado na própria gordura. Veio o aumento da família. No primeiro parto, entretanto, de nada adiantou ao Peter sair ao quintal e detonar o seu revólver, pedindo socorro. Quem teve de servir de parteiro foi êle mesmo. O espaço da casa tornou-se acanhado e o inventário dos bens já acusava quatro leitões e duas cabras.

Dentro de pouco tempo, Schelle conseguiu serviço a dois mil e quinhentos réis por dia, dos quais um mil réis era descontado para pagamento do seu lote, recebendo êle do restante um vale para a compra de mantimentos.

Pouco depois iniciou-se a construção da capela católica, em terreno doado pelo protestante Willy Luederwaldt, da qual Schelle veio a ser o construtor. Luederwaldt, aliás, fôra o primeiro morador de Hammônia. Sua espôsa, conduzindo, em prantos, a pequena Lilly (Haertel) desesperada, pela íngreme picada do Ribeirão Taquaras foi a primeira mulher que rumou para o núcleo recém-fundado. A segunda filha, minha espôsa, veio a ser a primeira mehinha nascida em Ibirama.

Passou então Schelle a ganhar 3 mil e 200 réis por dia. Pagava 30 mil réis, por mês, por cama e pensão no Hotel Luederwaldt, para êle e seu cavalo no qual ia para casa só aos domingos. A espôsa e os filhos ficavam, assim, expostos ao então muito comum "perigo dos bugres".

E aqui damos a palavra a Frau Schelle novamente:

"Vozes de animais e pássaros, assim como assobios estridentes eram ouvidos constantemente. Eu, porém, nem cismava que pudesse tratar-se de sinais dados pelos índios. Acomodava-me, à noite, com os filhos no sótão da casa, puxando depois a escada de mão para cima.

Certo dia eu estava lavando fraldas à beira do ribeirão, enquanto o meu Péterle (Pedrinho) brincava no pedregulho. De repente começou a gritar:

— Mãe, lá! olhe lá, mãe!

Angustiado, agarrava-se às minhas saías, sem tirar os olhos da plantação de milho. Convenci-me de que algo de estranho êle deveria ter visto. A noite começou o espetáculo: os porcos fugiram do curral, ou foram soltos, em altos grunhidos. A vaca refugiou-se dentro de casa, berrando. A cabra pulou para cima da mesa. As pedras do fogão, num vão aberto, encostado à casa, voaram em tôdas as direções. Os bugres, aos gritos continuados, batiam com a pá de ferro do fôrno nos postes da casa, jogando feixes de lenha para cima da cobertura, enquanto sacudiam vivamente o barracão, que julguei não resistisse. Eu gritava a plenos pulmões e os meus filhos também. Foi um bailado infernal.

Pelas três da madrugada, depois de inconcebível pavor, amarrei a filha recém-nascida no meu avental, sentei o menino nos meus ombros e fugi, acompanhada da vaca e da cabra que, de tanto medo, se encostavam em mim, que eu mal podia caminhar pela picada. Depois de uma hora de boa caminhada, chegamos à propriedade do primeiro vizinho, Rodolfo Harbs, onde caí esgotada. As crianças abriram em novo berreiro, fazendo côro com a vaca. Harbs e a espôsa acudiram prestes. Eu estava completamente exausta.

Tomamos grande ogeriza a Rafael, mudando-nos, então, para Taquaras. Mais tarde a região de Rafael foi colonizada por teutos-russos, dos quais

VICTOR GAERTNER

Foi uma das personalidades marcantes dos primeiros anos da colônia. Era sobrinho do dr. Blumenau e veio para cá em 1859. Irmão de Reinoldo Gaertner, que figura na relação dos 17 imigrantes, com os quais se deu começo à colônia Blumenau. Nasceu em 1833 em Blankenburg, no Harz, Alemanha. Possuía uma casa de negócio de secos, melhados, fazendas, etc., cujo prédio ainda existe à rua Duque de Caxias. Exerceu grande influência na sociedade local, tendo sido co-fundador de várias associações culturais e recreativas, como a Sociedade de Atradores, a Sociedade Teatral "Froshinn" etc. Depois de ter servido vários anos como consul da Prússia e da Norddeutscher Bund, em Blumenau, foi, depois da fundação do Império Alemão, nomeado pelo Kaiser Guilherme I, consul da Alemanha, cargo que exerceu até 1888, ano em que faleceu. Dotado de muito critério e de grande iniciativa, sua atuação foi das mais proveitosas para o engrandecimento da colônia. Casou-se com Röse Sametzki, filha do alferes Julius Sametzki, um dos voluntários blumenauenses que seguiram para a guerra do Paraguai. Dêsse consórcio nasceram oito filhos: Erich, Arnaldo, Felix, Helmut, Elsa, Vitor, Harry e Edith, dos quais vivem ainda as duas filhas Elsa e Edith. O único dêsses filhos que deixou descendentes foi Vitor Gaertner Júnior, que exerceu vários cargos públicos municipais e estaduais e foi casado com Irma Feddersen, há pouco também falecida nesta cidade, de quem houve quatro filhos: Erich, Hans, Curt e Vitor. Os dois últimos faleceram solteiros. Hans Gaertner, que foi advogado e militou no fóro local, casara-se com Alice Feddersen e deixou, ao falecer prematuramente, uma filha, Röse. O mais velho, Erich, é casado com Edazima Oncken, tendo quatro filhos: Carla, casada com Rolf Schindler, Vitor e Crista.



Vitor Gaertner foi pessoa de confiança de seu tio, o dr. Blumenau a quem muito auxiliou na direção da colônia, estando sempre à frente das iniciativas de ordem cultural e administrativa, concorrendo, dentro da medida de suas forças e posses, para a expansão do empreendimento. A filha de Vitor Gaertner, que ainda vive nesta cidade, Dona Edith, é uma dedicada estudiosa do passado blumenauense, tendo, nesse setor, prestado grandes serviços ao município com a divulgação dos gloriosos fastos da nossa bela comuna.

um, de nome Pletz, foi trucidado, logo no início. Uma flecha, atirada de tocaia, perfurou-lhe o peito, pelas costas”.

Foi isso que me contou Frau Schelle. Oito dias depois do assassinato de Pletz, eu mesmo cheguei a Rafael, onde o velho Kienas, um sobrevivente, declarou-nos loucos por querermos, sem necessidade, metermo-nos no mato, então ainda tão cheio de perigos. Este caso, porém, já faz parte de outro romance...

Christiana Deeke **BARRETO****MARÇO DE 1960**

Os primeiros dias do mês transcorrem ainda sob os reflexos das chuvaradas que atingiram o litoral catarinense, de 27/2 a 1/3, comentando-se os estragos causados e prejuízos sofridos no nosso município, como nas regiões do climax do flagelo, Biguassú, Palhoça, Sto. Amaro, etc.

6 — Realiza-se o sepultamento do industrial sr. Karl Heinrich Conradt, proprietário da Fábrica de Cadarços "HACO", estabelecida em Vila Itoupava, neste município, cuja morte ocorreu em consequência do sinistro no "Iate Clube de Cabeçadas", no dia anterior, quando, ao abastecer de gasolina o seu barco "Joana", verificou-se uma explosão que incendiou e destruiu por completo aquela sede social. No empenho de salvar o pai, também o sr. Heinz Conradt é gravemente ferido, sofrendo queimaduras e ainda algumas outras pessoas. (Um especialista convocado de São Paulo, após o tratamento inicial dos médicos de um hospital itajaiense, colabora aplicando os seus conhecimentos no caso, que resultam em êxito, podendo o acidentado ser transportado, semanas depois, para um hospital local, constando que recuperar-se-á por completo).

8 — Comparece numeroso auditório na sede da ACIB de representantes das classes conservadoras e repórteres, para assistir a uma conferência preferida pelo Diretor da DOP, da Prefeitura Municipal, Dr. João Maria de Oliveira, focalizando o aproveitamento de bacias hidráulicas na economia regional, apresentando, em exposição clara e sugestiva, o planejamento de obras para o respectivo objetivo.

12 — O Serviço Nacional de Endemias Rurais, transfere a sua sede para a Rua Lauro Mueller, caso que obtem publicidade por ter ocasionado, o atraso desta mudança, o adiamento do início das aulas da Escola Normal Pedro II, de 1.º de março, para esta data, tendo sido instalado, provisoriamente, nos respectivos cômodos o "Curso Irã Bernwarda", anexo àquele educandário, para cuja instalação o Governo do Estado, requirera o prédio de sua propriedade à Alameda Rio Branco, onde funciona a sede do S.N.E.R.

13 — Na coluna "Sociedade em Fôco" do jornal "A Nação", publica o cronista Nagel Milton de Melo, a sua lista das "10 mais elegantes de 1960", constituída dos nomes das seguintes senhoras: Adelaide Buerger, Amantina Ellinger, Beate Reichow, Brigitte Bernardes, Eunice Belz, Nice Avila, Traute Zadrosny, Renate Freschel, Zita Fausto e Tereza Pedrosa Nóbrega.

15 — Um tufão, durando poucos minutos, tendo-se dissolvido depois nas camadas mais altas da atmosfera, destrói por completo uma olaria em Ilhota, onde, às 16,30 horas, agindo em redemoinho de cerca de 80 m. x 10 m., em poucos minutos derruba os 18 pilares em que assentava a construção, como também, um paredão de 30 m. O maquinário é retorcido como malhado por potente martelo, sendo o sôpro tão forte que a caldeira, acêsa em alta caloría, não ocasiona incêncio. Dos doze operários que, por ocasião do ciclone, trabalhavam no galpão, nove são feridos, enquanto dois são encontrados ilesos, soterrados sob os destroços de um muro, e outro na barranca do rio, para onde, tratando de fugir às carreiras, colhido pelo tufão, fôra levado

aos trambolhões e, ao cair, detido pela vegetação, fora do nível do pé de vento. O proprietário do olaria, sr. Pedro Ricardo Maess, orça os prejuízos em mais de um milhão de cruzeiros, dizendo ser esta a terceira vez que é vítima da fúria dos elementos, tendo-se dado em 1942 uma explosão, causando a morte de dois operários e elevados prejuízos materiais, ocorrendo em 1945 um incêndio que destruiu, por completo, a olaria, fecularia, serraria e destilaria, num conjunto de 840 metros quadrados cobertos, acarretando prejuízo total.

17 — Ocorre lamentável acidente ferroviário em Itajaí, tombando a locomotiva do trem de passageiros, após passar a chave do cruzamento do ramal para o cais do porto. O foguista e o maquinista, prensados no interior do veículo acidentado, só são retirados depois de 45 minutos decorridos, quando conseguiu-se quebrar a carcaça de feragem, sofrendo os acidentados durante esse tempo, jatos de óleo incandescente e água fervente sobre os seus corpos. Encontrando-se em Itajaí, naquela época, um médico especialista em tratamento de queimaduras, de São Paulo, dedica este os recursos de sua especialidade às duas vítimas, das quais, entretanto, o foguista Adolfo dos Santos, não sobrevive, enquanto o maquinista, Max Prochner, pôde recuperar-se das graves queimaduras generalizadas.

18 — Na Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional, em Florianópolis, realiza-se a solenidade de posse do Diretor da Estrada de Ferro Sta. Catarina, com sede na nossa cidade, recentemente nomeado para as funções do cargo, pelo Governo Federal, o engenheiro Antonio Victorino Ávila Filho, depois da transferência deste empreendimento, do Governo Estadual, à responsabilidade Federal. O Dr. Ávila Filho, que exerce as funções de engenheiro desta via férrea há mais de 20 anos, vem de substituir o Diretor empossado pelo Governo Estadual, Dr. Luiz Nastari.

22 — Verifica-se a mais agitada de todas as sessões já realizadas no Legislativo Municipal, ocorrendo sérios atritos entre líderes da UDN e PSD, por ocasião da discussão e votação do processo 661, que estipula a ajuda de custo aos vereadores, por sessão assistida, projeto do Sr. Abel Ávila dos Santos (PSD), que o sr. Wilson Gomes Santiago (UDN), combate como sendo em causa própria, para este período, tendo ciência os vereadores, quando se candidataram ao cargo, ser este honorário em Blumenau, sendo admissível o abandono de uma triação de 77 anos, se o projeto fosse votado somente para a gestão seguinte, opinião de que discordara a maioria dos edis, entre estes, alguns também da UDN.

22 — “A Nação”, na coluna “Fato do Dia”, comenta o estado em que se encontram vários trechos da estrada Blumenau-Itajaí, em virtude dos estragos causados pelas chuvas, elogiando o empenho da firma empreiteira, dizendo: “Não fossem os esforços desdobrados da ENTUCO, de há muito certos trechos da rodovia não permitiriam o tráfego normal de qualquer espécie de veículos”.

22 — No mesmo jornal aparece a notícia do fornecimento de grande número de artigos, principalmente cinzeiros, da Fábrica de Porcelana Condessa, da nossa cidade, para a inauguração de Brasília, encomenda feita por intermédio do Sr. Gil Rochadel, ex-diretor da Fazenda da Prefeitura Municipal de Blumenau, que se estabeleceu na Novacap, há mais de um ano.

24 — Miss Sta. Catarina de 1959, a bela blumenauense Ivone Baungarten, viaja ao Rio, atendendo ao convite da Fábrica “Vulcan” para tirar um curso de costura artística de plásticos, com o encargo de ensinar esta arte, como funcionária daquela organização industrial, em diversas cidades do nosso Estado.

29 — Publica a imprensa uma informação do Sr. Prefeito

Municipal, dizendo que, dentro de poucos dias, chegarão a esta cidade técnicos do Departamento do Ministério da Agricultura, que virão realizar experiências de fauna aquática no rio Itajaí-Açu, e, também, em lagoas de propriedades particulares, visando a reprodução do peixe "Dourado", que na fase adulta, poderá pesar até, 25 quilos, pedindo intermediar o seu apêlo aos pescadores, no sentido de evitarem a pesca desses peixes durante a época de reprodução e evolução, para beneficiar a população, num futuro próximo, com pescarias vantajosas.

29 — No bairro de Itoupava Sêca foi observado pela população, às 18,45 horas, a passagem de um estranho aparelho, dizendo a respeito notícia no dia seguinte, no jornal "A Nação": - "tendo algumas pessoas acreditado tratar-se de um disco-voador, outras opinam por uma estrela cadente".

31 — O corpo docente e a direção do "Grupo Escolar Luiz Del-fino", o mais antigo grupo estadual, construído e instalado no Vale do Itajaí, em 1913, realizam uma churrascada em regosijo da conclusão da renovação do mobiliário, tendo recebido novas carteiras, mesas, cadeiras, armários, cavaletes para mapas, quadros-negros, etc., pelo custo de Cr\$ 376.194,00. A churrascada oferecida ao atual Governo do Estado e sua Secretaria de Educação, compareceram autoridades e jornalistas, tendo sido lançado na ocasião, a idéia de se organizar o "Teatro da Criança", sob a colaboração do Sr. Waldir Wandal, da Rádio Nereu Ramos, incumbido nesta emissora da radiofoniação de peças encenadas.

— Durante o mês reinicia a "Campanha de Solidariedade Humana" as suas atividades,

não tendo realizado as reuniões mensais nos meses de janeiro e fevereiro.

— A imprensa divulga o caso do vapor "Blumenau", com os entendimentos realizados entre o governo Municipal, o "Kennel Clube" local, disposto a incumbir-se da instalação da embarcação histórica, com a colaboração da Prefeitura Municipal e do povo em geral.

— Durante dias prende a atenção pública o caso de um mascate, Sr. Alfredo Krug, que nas suas costumeiras andanças pelo interior da nossa região, resolvendo encurtar caminho, enveredando num atalho pela mata, perdeu a orientação, tendo sido encontrado por um caçador, após 18 dias, em estado de grave debilidade física.

— Visitaram a nossa cidade, o conhecido cantor português, Morgado Mauricio, e, entre outros personagens, repórteres policiais de São Paulo, Srs. Isaltino Tosatti e Milton José Farado, que vieram à nossa zona em cumprimento das suas funções, fazendo cobertura de acontecimentos policiais.

— Ao ensêjo de atender o povo no desejo de amparar e auxiliar os flagelados das inundações do Norte, organizam a Paróquia Católica e o "Lions Clube" local, postos de recebimento de donativos, em dinheiro, gêneros alimentícios e roupas.

— Entre os falecimentos ocorridos durante o mês, destacamos os nomes de cidadãos conhecidos, de famílias tradicionais, como:

Sr. Hugo Radtke — (4-3);
Frei José Schmitt — (17-3);
Sr. Erich Meyer — (31-3).



**SOCIEDADE BENEFICIADORA
DE MADEIRAS LTDA.**

**Compra e Venda de Madeiras
Para Todos os Fins**

MADEIRAS PARA CONSTRUÇÕES

Telefone, 1248

Rua 7 de Setembro

BLUMENAU

—

Santa Catarina



Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S.A.

Matriz : ITAJAÍ - Santa Catarina

CAPITAL E RESERVAS Cr\$ 475.000.000,00
DEPÓSITOS EM 31-5-60 Cr\$ 4.786.709.139,70

Agências no Rio de Janeiro Rua Visconde de Inhaúma, 134 C
Rua do Carmo, 66

Agências em São Paulo Rua São Bento, 341
Rua Marconi, 45
Rua Florêncio de Abreu, 637
Av. Celso Garcia, 503
Rua Cincinato Pomponet, 187

Agência em Curitiba Rua Monsenhor Celso, 50

Agência em Florianópolis Praça 15 de Novembro, 9

Agências no Estado de Santa Catarina : Araranguá, Blumenau, Bom Retiro, Braço do Norte, Brusque, Caçador, Camboriú, Campos Novos, Capinzal, Canoinhas, Chapecó, Concórdia, Criciúma, Curitibanos, Estreito, Gaspar, Guaramirim, Ibirama, Imbituba, Indaial, Itaiópolis, Ituporanga, Jaraguá do Sul, Joaçaba, Joinville, Laguna, Lajes, Lauro Mueller, Luiz Alves, Mafra, Orleães, Piratuba, Pôrto União, Rio do Sul, Rio Negrinho, Rodeio, Santo Amaro da Imperatriz, São Bento do Sul, São Carlos, São Francisco do Sul, São Miguel do Oeste, São Joaquim, Taió, Tangará, Tijucas, Timbó, Tubarão, Urussanga, Videira e Xanxerê.

Agências no Estado do Paraná : Cambará, Clevelândia, Lapa, Maringá, Palmas, Palmeira, Ponta Grossa, e São Mateus do Sul.

Agências no Estado de São Paulo: Botucatu, Campinas, Cruzeiro, Jaboticabal, Jacareí, Jaú, Lençóis Paulista, Lorena, Mogi das Cruzes, Mogi-Mirim, Paraguaçu Paulista, Pinhal, Piracicaba, Presidente Prudente, Santa Cruz do Rio Pardo, Santo André, Santos, Sertãozinho e Taubaté.

Agência no Estado do Rio de Janeiro: Barra Mansa.

Escritórios no Estado de Santa Catarina: Biguaçu, São José e Urubici.

Escritórios no Estado de São Paulo: Alfredo Guedes, Barrinha, Guararema, Guariba, Lutécia, Monte-Mor, Poá, Queluz, Rio das Pedras, Salesópolis, Sousas, Tremembé e Vila dos Lavradores.